

DESCULPE TE INCOMODAR (2018): ANESTESIA, PERFORMANCE E DISSOCIAÇÃO CORPORAL

**LUAN ALVES¹; TIAGO SCHEFER²; ROGER PEGLOW RITTER³; LUISA OLIVEIRA⁴;
ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA⁵**

¹Universidade Federal de Pelotas – luanalves1999@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – schefertigas@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – peglowriterr@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lotiith20@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – robertormcotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o filme *Desculpe te Incomodar* (2018), dirigido por Boots Riley, com enfoque nas relações entre estética, subjetividade e crítica social, tomando como referência BUCK-MORSS (1996), que revisita as ideias de Walter Benjamin para compreender como a sensorialidade moderna é moldada por choques contínuos que resultam em insensibilidade e automatismo.

O filme narra a trajetória de Cassius Green, um jovem negro que, ao ingressar no telemarketing, descobre poder ascender profissionalmente ao adotar uma “voz branca” (dublada por David Cross), dissociando-se literal e simbolicamente de sua identidade. Essa performance, embora inicialmente eficaz, impõe um alto custo: o esvaziamento de seus vínculos afetivos, políticos e subjetivos.

Este resumo expandido busca relacionar a noção de anestesia descrita por BUCK-MORSS (1996) ao filme. A autora entende a anestesia como perda ou atenuação da percepção crítica e sensível, provocada pelo excesso de estímulos a que os sujeitos são continuamente expostos na atual configuração do capitalismo. No filme, tal conceito manifesta-se na jornada do protagonista, cujo corpo é atravessado por uma dissociação performativa que revela o processo de desumanização imposto por um sistema que exige conformidade estética e ética.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi proposto pelo professor Roberto Ribeiro Miranda Cotta como principal avaliação da disciplina de Cinema Contemporâneo, no 5º semestre do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A atividade consistiu na formação de grupos que deveriam selecionar um filme lançado nos últimos dez anos, independentemente de gênero, duração ou país de origem, e desenvolver uma análise aprofundada. *Desculpe te Incomodar* foi escolhido como objeto de estudo por se destacar como uma obra de forte impacto estético e político, que articula linguagem cinematográfica e crítica social de maneira inventiva.

O texto busca analisar como o filme constrói, por meio de recursos estéticos e narrativos, uma crítica ao capitalismo contemporâneo e à forma como corrompe a subjetividade dos indivíduos. O foco recai sobre a dissociação entre corpo e voz do protagonista Cassius Green, entendida como sintoma de uma anestesia social e subjetiva, articulada a partir das ideias de BUCK-MORSS (1996) acerca da insensibilidade produzida pelos choques sensoriais da modernidade.

A análise se insere principalmente na vertente estético-ideológica, nos termos propostos por VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ (2002), uma vez que parte da observação

de elementos formais do filme como montagem, atuação e *mise-en-scène*, para interpretar seu sentido político e social. O conceito de *mise-en-scène* é mobilizado a partir da definição de BORDWELL e THOMPSON (2013), isto é, o controle do diretor sobre o quadro fílmico, envolvendo a combinação de cenário, iluminação, figurino e comportamento dos personagens. O estudo, portanto, não se limita à descrição do que aparece na tela, mas busca compreender como tais elementos constroem significados relacionados à alienação, à racialização e à anestesia social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de anestética defendido por BUCK-MORSS (1996) identifica, na modernidade, uma proliferação de choques sensoriais que anestesiaram o sujeito. Como uma espécie de oposto à estética (do grego *aisthesis*, ou seja, percepção sensorial), a anestética corresponderia à ausência de sensação. Em um ambiente saturado de estímulos, a experiência torna-se fragmentada e o corpo, como mecanismo de defesa, desenvolve formas de insensibilidade. A autora a compara a um opioide, mas de caráter social e coletivo. Nesse sentido, Cassius, ao performar uma subjetividade moldada para agradar ao capital, representa esse corpo anestesiado, que já não age, mas apenas reage, reproduzindo reflexos automatizados em lugar de decisões éticas ou afetivas.

O filme manifesta o efeito de dissociação do personagem por meio de seus recursos formais, evidenciado, por exemplo, no primeiro momento em que Cassius adota uma voz performativa padronizada, que o representa como se fosse uma pessoa branca, em uma festa para seus amigos.

A cena é estruturada por meio de planos fechados e lentes de baixa profundidade de campo, que desfocam e distorcem o plano de fundo em um leve zoom, separando visualmente Cassius do espaço ao seu redor e intensificando a sensação de estranhamento da situação. Essa metáfora de um corpo neutralizado pela conformidade é corroborada pela composição cinematográfica, incluindo a música atonal, a iluminação cromaticamente saturada e a dublagem assíncrona de David Cross sobre a atuação de Lakeith Stanfield.

É a partir dessas estilizações, considerando a afetação estética, a saturação das cores, da montagem frenética e do humor que rompe com o realismo (Cassius literalmente se teletransporta até os clientes quando realiza uma ligação), que o diretor Boots Riley articula a noção de estímulos e choques do capitalismo, tal como BUCK-MORSS (1996) descreve em seu ensaio.

A perspectiva de Riley no filme é profundamente racializada. A voz normativa hegemônica é apresentada como uma descoberta, algo intrínseco a Cassius. O próprio personagem chega a referir-se a ela como uma habilidade inata, e seu uso é incentivado pelos superiores a fim de atender aos interesses da corporação. Nesse contexto, a anestesia opera em um nível identitário étnico-racial: Cassius é compelido a performar como um homem branco por meio dessa voz.

A anestesia performativa vivida por Cassius reflete a estética corporativa, representada no filme como um ambiente estéril, competitivo e racialmente normativo. A exigência de neutralidade nesse espaço configura, na verdade, uma forma de apagamento da diferença, em que a inclusão só é permitida mediante o silenciamento da própria história. Assim, a estética da voz normativa hegemônica revela-se como uma estética da branquitude: leve, funcional e despolitizada. O filme transforma esse gesto em sintoma de um sistema que opera pela lógica da assimilação e da alienação.

Entende-se por alienação, aqui, o estado de distanciamento ou estranhamento entre o ser humano e aspectos essenciais de sua própria vida (MARX, 2008). Conforme Cassius ascende nos rankings da empresa, afasta-se de sua namorada (Thessa Thompson), de amigos e de colegas de trabalho que iniciam um processo de luta sindical. Ele, por outro lado, adota uma postura de conformismo e passividade (em certo momento, mostra-se displicente ao ser confrontado com o fato de estar vendendo trabalho escravo). Ao chegar ao topo da corporação para a qual presta serviços, a poderosa WorryFree (*livre de preocupações*, em tradução livre), Cassius recebe a oportunidade de tornar-se um agente alienante, atuando como falso líder de um grupo de trabalhadores geneticamente modificados pela empresa. Apenas nesse momento — diante da literal transformação e corrupção do corpo alheio pela máquina corporativa — Cassius desperta da alienação e abandona, por completo, seu estado anestesiado.

4. CONCLUSÕES

Ao adotar o absurdo e o exagero como estratégia, o cineasta Boots Riley propõe um antídoto à anestesia coletiva descrita por BUCK-MORSS (1996). O surrealismo da *mise-en-scène*, os cortes frenéticos e o nonsense narrativo funcionam para despertar o espectador da apatia, não para anestesiá-lo, mas para reativar sua percepção crítica.

A trajetória de Cassius, que vai da alienação à possível tomada de consciência, espelha o diagnóstico de BUCK-MORSS (1996) sobre o sujeito moderno: anestesiado, ele já não sente nem age, mas pode, em determinados momentos de ruptura estética e afetiva, recuperar sua potência.

Nesse sentido, o filme *Desculpe te Incomodar* configura-se como um manifesto estético que dramatiza a captura do corpo pelo capitalismo e, simultaneamente, aponta para a possibilidade de ruptura, ainda que parcial, ao devolver ao espectador a capacidade de sentir e agir diante do absurdo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDWELL, D. THOMPSON, K. **A arte do cinema**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

BUCK-MORRS, Susan. Estética e anestética: o ensaio sobre a obra de arte de Walter Benjamin reconsiderado. **Travessia: Revista de Literatura**, Periódicos UFSC, ed. 33, p. 11 - 41, 1996. Online. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/issue/view/1542> . Acesso em: 26 de jul. 2025.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

VANOYE, F. GOLIOT-LETÉ, A. **Ensaio sobre a análise filmica**. Campinas: Papirus Editora, 2002.